

MATOS, Maria Izilda Santos. **Terceiro setor e gênero: trajetórias e perspectivas.** São Paulo: Cultura Acadêmica, 2005.

Priscila da Silva Nascimento

A partir da década de 1990, no Brasil, vem crescendo o interesse pelos estudos que relacionam a temática de gênero aos processos de mundialização, rede de movimentos e política neoliberal; tal interesse expressa uma perspectiva que marca as atuais produções no campo científico, a de uma preocupação em relacionar os fatos políticos como interligados a fenômenos de impacto global. Assim, como indica Maria Izilda Santos Matos, o processo da globalização ao mediar a relação entre o global e o local evidencia as diferenças e provoca um debate acerca dos grupos historicamente excluídos.

485

É desta maneira que o livro: *Terceiro setor e gênero: trajetórias e perspectivas* de Maria Izilda Santos Matos, empreende a sua colaboração para pensar a questão de gênero na complexa organização mundial neoliberal que, para a autora, perpassa três momentos, ambos articulados na proposição de uma visibilidade do acirramento das desigualdades sociais na atual reconfiguração de instituições

da sociedade, como por exemplo, a família, hoje chefiada em sua maioria por mulheres na América Latina.

Atrelando a situação da mulher a um cenário de avanços políticos em múltiplos setores nos últimos 50 anos às desigualdades sociais latentes nos países periféricos, a autora coloca a primeira parte de seu livro, dedicada aos temas: mundialização, ong's e terceiro setor.

Partindo da consideração da existência de pólos hegemônicos de poder que articulam as forças sociais, resistências e cooperações no século XX, elenca duas ocasiões de transformação do capital para pensar seu impacto na questão de gênero. O primeiro momento no pós-segunda guerra mundial, de 1944 a 1973, marcado pela expansão do comércio, modelos de organização economia e criação de órgãos internacionais de cooperação, por exemplo, a ONU (Organização das Nações Unidas), blocos econômicos e outros. E a segunda ocasião, já no final do mesmo século, com uma generalização do livre-comércio, difusão das empresas transnacionais e mobilidade de capitais amparado no capital financeiro.

As características de interdependência e integração dos mercados, o aumento do comércio e das trocas internacionais de bens e serviços, a desregulamentação e abertura dos mercados vinculados à economia, são reflexos de práticas políticas neoliberais que com o processo de mundialização, segundo a autora, agudizam a diversidade e a

heterogeneidade das experiências refletindo nas situações de trabalho, emprego e nas formas de inserção das mulheres e homens, do Sul e do Norte (p.19).

Nestes processos há um duplo aspecto na questão da mulher; um beneficiamento com as expansões das oportunidades de trabalho, o crescimento das possibilidades de instrução e o acesso à contracepção, porém, contudo, as mulheres sofrem proporcionalmente mais que os homens nos processos de recessão, desemprego e nas jornadas do cotidiano, a exemplificação deste fato está na ausência de divisão do trabalho doméstico, o que acarreta, por sua vez uma dupla jornada de trabalho para a mulher¹.

487

As transformações causadas no cotidiano com as mudanças econômicas atentou a partir da década de 1980, para uma incorporação das dimensões do político e do cultural articuladas ao econômico, tecnológico e social. Assim, conjuntamente com (CANCLINI, 1995), a autora expõe a sua explicação sobre a relação existente entre a globalização e visibilidade das exclusões de ordem cultural: “Apesar de tendências à homogeneização da cultura política, cresceram as convivências multiculturais, ampliando possibilidades de intercâmbio entre várias culturas (locais, regionais, nacionais

¹ Entende-se aqui como *questão da mulher* todos as relações sociais de gênero e suas implicações, o que não significa que tais colocações e discussões restrinjam-se apenas as mulheres, ao contrário, estende-se a todos os grupos que de alguma maneira estão envolvidos nas relações de poder que produzem a desigualdades entre os gêneros.

e transnacionais), bem como a potencialização da circularidade cultural”.

E de acordo com (GOHN, 2001), com a globalização ocorre uma metamorfose do sistema de desigualdade social no Capitalismo para um sistema de exclusão social. Neste novo cenário, as lutas sociais relevantes serão pela inclusão social de setores sociais que antes eram excluídos por estarem em desigualdade socioeconômica e que agora estão excluídos também por estarem em desigualdades socioculturais, se soma a este quadro os negros, as mulheres, os homossexuais e outros.

488

O deslocamento da relevância dos aspectos estritamente econômicos para a consideração de outros fatores de exclusão social, como a opressão cultural, levou a novas ações e ambientes de discussão que a partir da década de 1980 se configurarão nas Organizações não-governamentais, as ONG's.

As ONG's surgem no contexto histórico das políticas neoliberais de minimização do Estado; tal medida impulsionou a criação de espaços alternativos para a proposição de medidas contra as desigualdades sociais, como afirma (Sherer-Warren, 1999), o termo Ong passou a ser incorporado pelas agências internacionais para denominar as organizações responsáveis pela implementação de projetos de promoção do desenvolvimento.

Destarte, como as conjunturas e correlações de forças sociais se alteram, a autora coloca a trajetória das Ongs atrelada aos aspectos de ordem política; se na década de 80 as mesmas buscavam articulações partidárias, sindicais e com a Igreja progressista, na década de 90 mudam de natureza, voltando-se para mobilizações pontuais, locais, atuando a partir de demandas específicas, incorporando o plano da cultura, como as questões de geração, raça-etnia e de gênero com o intuito de afirmação maior do que o de contestação.

A polêmica de uma positividade e/ou negatividade das Ong's é colocada pela autora não de maneira maniqueísta, mas revelando duas visões acerca do tema, a de que as Ongs são um campo propício as ações do neoliberalismo, que buscam repassar suas responsabilidades sociais para o campo da sociedade civil e a de que a organização é um motor de transformação social, idéia partilhada pela autora.

Além das Ongs articuladas as ações sociais, há também o Terceiro setor, que é dividido em 3 seguimentos: forma tradicional de ajuda mútua, expresso em creches, asilo e hospitais, os movimentos sociais e as associações civis, com o caráter reivindicatório junto à sociedade e ao Estado e a filantropia empresarial, que tem crescido consideravelmente em virtude das vantagens fiscais que o governo oferece para as empresas.

A segunda parte do livro destina-se ao tema: Da invisibilidade do gênero: trajetórias, perspectivas, possibilidades e desenvolvimento.

Entendendo como uma das mudanças mais marcantes na sociedade mundializada a relação homem-mulher e que a mesma trouxe a visibilidade das mulheres em diferentes setores como o trabalho, nas escolas e universidade, política, artes e ciência, a autora inicia sua investigação das causas de tal fato.

A partir da década de 1960 verifica-se um número crescente de pesquisas sobre as mulheres como novos agentes sociais exigência de um momento em que a noção de tempo, espaço e de social passam por uma resignificação.

A ciência produzindo anticoncepcionais permitiu um maior controle da maternidade e redimensionamento do tempo feminino, o que propiciou à mulher integrar mais efusivamente na vida pública compondo o mercado de trabalho com os homens, embora de maneira desigual. A mulher deixando a esfera privada do lar trouxe o político para o âmbito do cotidiano, assim segundo a autora, iniciou-se um amplo questionamento da sociedade, família, disciplina e etc. (p.51).

Os diferentes temas ligados à questão da mulher foram abordados pela produção acadêmica com enfoques variados de acordo com o seu contexto histórico-político, na década de 1970, privilegiou-se as questões do trabalho feminino, em

particular o fabril, em virtude dos estudos sobre o movimento operário, na década de 1980, os temas sobre o papel feminino na família, casamento, maternidade e sexualidade predominaram.

Pensar a produção acadêmica sobre a mulher implica em analisar o conceito de gênero trabalhado e entendê-lo como parte dos questionamentos necessários para a descoberta do outro, da alteridade, dos excluídos, deste modo este conceito é concebido como uma construção do feminino e do masculino, que se definem um em função do outro, uma vez que se constituíram social, cultural e historicamente em um tempo, espaço e cultura determinada ².

491

O uso parcial desta categoria de análise, segundo a autora, fez com que grande parte da do conhecimento produzido privilegiasse o enfoque das experiências femininas em detrimento de seu universo de relações com o mundo masculino e alerta para a importância de que as intervenções busquem a transformação masculina.

Na terceira e última parte do livro observamos a temática, Uma questão de gênero: Ong's, neste capítulo há a conciliação dos capítulos anteriores, o primeiro tratou do tema Ongs, o segundo da questão de gênero e o terceiro propõe uma relação entre Ongs, gênero e terceiro setor na contemporaneidade brasileira.

² A autora entende o conceito de gênero como relações sociais baseadas nas diferenças hierárquicas que distinguem os sexos (p.56)

Analisa a proposta de seis Ongs que tratam da questão da mulher e aponta dois problemas – a tendência a se substituir mulher por gênero, o que afeta o aspecto relacional do termo e gera um isolacionismo que a categoria pretende romper e a ausência de organizações que incluam os homens no processo de mudança das desigualdades de gênero.

Para pensar os avanços e limites das ações empreendidas acerca de gênero divide sua exposição em dois pontos centrais que perpassam as análises elaboradas no decorrer do livro. As praticas de gênero possuindo um caráter reformista, baseado na reprodução dos papéis femininos como luta pela melhoria de condições de vida: saúde, moradia entre outros, ou seja, seu enfoque trabalharia na garantia de direitos de melhoria de vida, contudo não reverteria as assimetrias entre homens e mulheres, já as estratégias de gênero estimulam as redefinições de papéis enfatizando a mulher como sujeito múltiplo e com amplas necessidades que mudam de indivíduo para indivíduo e que não necessariamente estão vinculadas às condições materiais da existência.

O livro *Terceiro setor e gênero: trajetórias e perspectivas* é um estudo extremamente interessante. Ao abordar os diversos aspectos envolvidos na relação homem-mulher e vinculá-los a uma esfera maior, a da mundialização, o livro impulsiona um debate que é central na atualidade, a politização do cotidiano, com as mulheres discutindo suas

opressões na esfera do privado, e a reorganização de muitas lutas sociais que vem passando por uma crescente institucionalização expressa na emergência das Ongs desde a década de 1980.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA:

CANCLINI, N. G. **Consumidores e cidadãos, conflitos multiculturais da globalização**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1995.

GOHN, Maria da Gloria. **Educação não formal e cultura política**: impactos sobre o Associativismo do terceiro setor. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

MATOS, Maria Izilda Santos de. **Terceiro setor e gênero**: trajetórias e perspectivas. São Paulo: Cultura Acadêmica : Instituto Presbiteriano Mackenzie, 2005.

SHERER-WARREN, Ilse. SHERER-WARREN, Ilse. **Cidadania sem fronteiras**: ações coletivas na era da globalização. São Paulo: Hucitec, 1999.